

APRESENTAÇÃO

O Dossiê *Filosofia da Religião em Hegel e Feuerbach* recolhe a pesquisa de vários autores que desenvolveram seus estudos durante o Seminário no Programa de Pós-Graduação em Filosofia 2021/2 da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a partir das *Lições sobre a Filosofia da Religião* de Hegel e d'*A essência do cristianismo* de Ludwig Feuerbach.

Hegel compreende a filosofia da religião em dois sentidos: (1) como teologia filosófica, ou seja, como uma doutrina filosófica de Deus fundada na razão; e (2) como uma teoria que vê a religião enquanto um fenômeno humano. Hegel desenvolve sua doutrina filosófica de Deus na *Ciência da Lógica*. O que Hegel chama de "filosofia da religião" tem seu lugar na *Enciclopédia A Filosofia do Espírito, III* e em suas *Lições sobre a Filosofia da Religião*, na qual o espírito absoluto é tematizado como a forma mais elevada do espírito humano. Na teoria do espírito absoluto, Hegel discute como a consciência humana na arte, religião e filosofia apreende e expressa Deus como o princípio do mundo.

O aluno de Hegel, Ludwig Feuerbach, é um dos primeiros a conceber a filosofia da religião no segundo sentido, depois de Hegel. Como crítico da religião, ele renuncia à filosofia da religião, no sentido de uma doutrina racional de Deus. Feuerbach está preocupado com uma teoria filosófica da religião que entende a religião como um fenômeno humano. Ou seja, Feuerbach defende uma antropologia da religião que vê Deus e a religião do ponto de vista do ser humano.

A filosofia da religião era uma disciplina nova na época de Hegel. Ela surgiu após o fim da "religião natural" e da "teologia naturalis" como uma

disciplina da metafísica escolar do século XVIII. Kant substituiu a "teologia naturalis" por uma teologia ética, a refundação do pensamento de Deus através da ética. A filosofia da religião moral de Kant, no entanto, não é filosofia da religião. Pois a interpretação puramente moral da religião nega a consciência de Deus como um elemento autossustentado da realidade efetiva. A interpretação puramente moral da religião, defendida acima de tudo por Fichte, levou à controvérsia ateuista de 1798/99.

Hegel defende uma interpretação espiritual-filosófica da religião. O ponto de partida é a consciência que o ser humano tem de Deus. Hegel aborda, brevemente, a filosofia da religião na *Filosofia do Espírito* (1805/1806), mais tarde na *Fenomenologia do Espírito* (1807) e nos §§ 564-471 da *Enciclopédia* (1817). Finalmente, ele a desenvolve nas quatro lições sobre a filosofia da religião em 1821, 1824, 1827 e 1831: Hegel: *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*. Walter Jaeschke (ed.). 3 vols. Hamburg 1983-1985.

Arte, religião e filosofia, apesar de suas diferentes formas, têm o mesmo conteúdo: a efetividade do ser humano no todo, à qual Deus também pertence. Filosoficamente, Hegel entende a arte, a religião e a filosofia como o autoconhecimento do espírito humano de seu princípio: a ideia absoluta (= a efetividade que está ancorada no absoluto). O espírito absoluto significa o conhecimento do espírito humano de seu princípio, a ideia. Enquanto na arte esse conhecimento de si mesmo toma a forma da produção e contemplação de uma obra de arte, na religião ele toma a forma da concepção do espírito humano de uma essência divina que está diante dele. Na religião, o absoluto tem uma forma objetiva. Somente na filosofia a autoconsciência do espírito humano sabe que seu objeto, Deus, é "espírito de seu espírito". Na filosofia, o ser humano sabe que o absoluto é a ideia como o conceito que se sabe e se realiza.

Com o conceito que se sabe e se realiza, a diferença entre espírito humano e divino desaparece. Torna-se claro que o espírito absoluto é o *divino dentro do ser humano*. Na forma conceitual do absoluto, a separação de Deus e do ser humano como dois sujeitos existentes para si mesmos, que aparece como o *proprium* da religião, está supressumida.

A filosofia é a autoconsciência do espírito humano de seu princípio e essência, a ideia divina absoluta na forma conceitual. Talvez se possa dizer: Hegel suprassume a religião numa metafísica do espírito, que é, ao mesmo tempo, metafísica do conceito. Visto que Hegel está no ponto de vista da religião, que entende a realidade efetiva como fundada em Deus, sua filosofia da religião se torna ao mesmo tempo *teologia filosófica*. O conteúdo que é representado na religião numa forma objetiva, se mostra como espírito divino na forma do conceito, não diferenciado do espírito humano.

A filosofia da religião de Hegel contém tanto um traço apologético como um traço crítico. A separação posterior dos Hegelianos de direita e esquerda (Bauer, Strauß, Feuerbach, Marx) está prefigurada nisso. Para Hegel, a religião é a autoconsciência do espírito humano de seu princípio sob a forma da representação. Por um lado, Hegel diz que as representações religiosas (da revelação de Deus, etc.) são racionais em si mesmas. O conteúdo da religião é a totalidade da realidade efetiva enraizada em Deus. Nisso reside o apologético da filosofia da religião. Por outro lado, o que inicialmente parece positivo, dado, estranho à razão, é conhecido como racional de acordo com seu conteúdo e deve ser reconstruído na forma da razão. Aí reside um traço crítico da filosofia da religião de Hegel. O que aparece na religião como indo além da razão é entendido como algo racional, deve ser pensado em sua forma conceitual adequada.

Para o compreender filosófico da religião, são necessários dois momentos: a matéria ou o conteúdo da religião e a forma do conceito filosófico. A representação religiosa, que o conceito filosófico faz seu objeto, é sua pressuposição histórica, mas não seu fundamento da legitimação. O conceito é antes o fundamento do conhecimento e a medida da verdade da representação religiosa. Hegel tenta decifrar os hieróglifos da razão na representação religiosa (incluindo a representação cristã). Isso requer o conceito racional.

Agradecemos a todos os articulistas que participaram desse Dossiê e, de modo especial manifestamos o agradecimento ao Editor do periódico *Aufklärung*, Prof. Betto Leite da Silva pela oportunidade de publicar tal pesquisa.

Agemir Bavaresco e Christian Iber